

MARIANO, Julio. "Canto do Cisne" da velha imprensa campineira: retalhos de memória da pequena e romântica Campinas do primeiro quartel do século. Correio Popular, Campinas, 24 ago. 1967.

"Canto do Cisne" da velha imprensa campineira

Retalhos de Memória da Pequena e Romântica Campinas do Primeiro Quartel do Século

No decorrer de todo um século de imprensa, na "Princesa D'Oeste", dois foram os jornais que, sob a legenda de "Gazeta de Campinas", aqui se editaram. A primeira "Gazeta", fundada e inicialmente redatorada pelo poeta Francisco Quirino dos Santos, foi posta à aventura em 31 de outubro de 1869 e desapareceu definitivamente vinte anos depois, isto é, em maio de 1889, sem gozar do triunfo que de direito lhe caberia, como republicana histórica, ao proclamar-se a República a 15 de novembro.

Fôlha estreitamente ligada à rica e importante família Quirino dos Santos, esta "Gazeta de Campinas" é comumente citada por historiadores e cronistas, alguns lhe atribuindo mesmo uma glória que não conquistou: a de ter sido o "primeiro jornal diário" que se publicou em Campinas. Isto, poderia ter acontecido, não fôra a audaciosa e surpreendente iniciativa dos moços Antônio Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro, convertendo, em 1875, o bi-semanário próprio "A Mocidade", no "Diário de Campinas", que botaram na rua a 19 de setembro daquele ano.

Mas, como diria Kipling, esta já é uma outra história.

A segunda "Gazeta de Campinas", que a muitos pode parecer continuidade da primeira em nova fase, embora órgão oficial do Partido Republicano Paulista, nada tem a ver com a anterior, da qual se distanciou no tempo trinta e dois anos. Foi em fins de 1920, que o Diretório local do P.R.P., adquirindo, por compra, de Manéco Mendes, oficinas e instalações do velho e quase morto "Comércio de Campinas", fez com que viesse a luz uma nova "Gazeta de Campinas", a 1.º de maio de 1921, em substituição ao mesmo "Comércio".

"CANTO DO CISNE" DA VELHA IMPRENSA CAMPINEIRA

Órgão oficial do P.R.P., grei situacionista, a "Gazeta de Campinas" se fundara para bem amparar a administração municipal e a política perrepista. Havia, pois, de manter acéssa luta contra o pequeno e desabusado grupo oposicionista, liderado pelo ardoroso e popular tribuno Alvaro Ribeiro, então redator-chefe e co-proprietário do "Diário do Povo". Nos dois anos que se escoaram sobre a data de aparecimento da fôlha, pela chefia da redação passaram dois advogados, Ernesto Kuhlmann e Orestes de Moraes Alves. Logo a seguir, assumiu a direção do jornal José Dias Leme.

Essa segunda "Gazeta de Campinas" nós a lembramos, hoje, como o "canto do cisne" de uma época passada e diferente da imprensa local. Não um canto triste, sombrio, prenúncio do fim, mas assim como uma melodia alegre de valsa de Strauss, embalando o romance de um ato de opereta vienense...

A fim de que não pairam dúvidas sobre o que afirmamos, tentaremos esboçar a largos traços o como era confeccionado e se mantinha de pé, o citado órgão da imprensa campineira do primeiro quartel do século.

Desde o natural ambiente da redação às oficinas — estas sustentando obrigatoriamente todo um exército de tipógrafos enchedores de linha, o velho companheiro João Galerani entre eles —, que a "Gazeta" ali do sobradinho da Rua Dr. Quirino oferecia o aspecto de comunidade boêmia, em continuada festa. Para início de conversa, a gerência não tinha que preocupar-se muito com as questões de lucros ou prejuízos da fôlha, que se vendia a tostão. O destino das possíveis rendas com a venda avulsa e anúncios, não era o recolhimento ao banco, capitalizando fundos, e sim os gastos extras com as alegres excursões ao campo, os piqueniques, os jantares e ceiatas na própria sala da redação, reuniões nas quais por entre o bródio e a cervejada se confraternizavam diretores da empresa, redatores, repórteres, colaboradores, gerente e o pessoal todo das oficinas. Isto, acontecia umas quantas vezes no ano, sem data precisa, valendo para tanto, que apontasse na folhinha um Santo Antônio, um São João, um São Pedro ou uma véspera de Natal ou de Ano Novo.

Quando, ao fim do mês, constatava o gerente José de Oliveira Santos que o dinheiro em caixa mal dava para cobrir uma parte da despesa, vestia o paletó, botava o chapéu na cabeça e metendo a pasta debaixo do braço ia à procura de "seu" Mário Siqueira, no Banco do Comércio e Indústria de S. Paulo. E "seu" Mário, diretor-presidente da Empresa Jornalística "Gazeta de Campinas" S.A., sem resmungos e nem cara feia providenciava o necessário para a cobertura da verba do pagamento.

A propósito do diretor-presidente Mário Siqueira, convém anotar que ele tinha um fraco pelos jornalistas e homens de letras, em geral. Era um banqueiro culto, que quando diante de um chope, numa roda de bar, adorava a prosa amena, alheia a assuntos de política e mui particularmente de finanças. Preferia o cavaco sobre coisas da literatura, da poesia e das artes. Prazeirosamente se fazendo anfitrião nessas tertúlias de mesa de bar, o velho Mário Siqueira não raro acabava provocando qualquer dos presentes para o discurso de ocasião, exclamando em dado momento:

— Atenção, minha gente! Agora vai falar aqui o "bichão" nosso amigo! — e indicando o orador que escolhera, rematava: — Ouçam-lo!...

A "PÁGINA DOS NOVOS" IDEALIZADA POR DIAS LEME

Na verdade que para melhor acentuar o quadro boêmio e romântico da segunda "Gazeta de Campinas", estava faltando o lirismo literário. Ate ali, com o Rivarol caboclo que foi Ernesto Kuhlmann ou mesmo com o redator Orestes de Moraes Alves, a fôlha perrepista, nos costumesiros editoriais, golpeava de rijo a oposição como se manejasse um sabre, e não uma pena. Certo dia, em 1922 ou 1923, veio o José Dias Leme, e algo se modificou no jornal.

De natural alegre e pacato, o bom Juca Gargalhada, com a sensibilidade de poeta e o delicado de cronista enamorado das belas artes e literatura, ao invés de dedicar-se inteiramente às brigas políticas, da "Gazeta" ou do P.R.P., repetiu o que

fizera o poeta Carlos Ferreira com a "Gazeta" de Quirino dos Santos em outro século: — criou no órgão político uma espécie de academia de plúmicos, para o cultivo das letras na "Princesa D'Oeste". E uma "Página dos Novos" deu de aparecer, semanalmente, naquela fôlha.

A novidade literária da "Gazeta de Campinas", em 1923, foi atração, principalmente, aos estudantes e leitores jovens de ambos os sexos. Dir-se-ia que a "Princesa D'Oeste" inaugurava um noviciado cultural.

Naquêles moços talentosos, que iam se revelando na poesia, na crônica e nos contos curtos, pelas colunas da "Página dos Novos" exerciam inegável influência os modernistas da Paulicéia, liderados por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Plínio Salgado de "O Estrangeiro". Em seu meio, no entanto, figuravam também os pasadistas do soneto clássico, os parnasianos e simbolistas. Guardamos na memória uns quantos nomes, de maior destaque, na "Página": Aristides Monteiro, "enfant gaté" do Dias Leme, com o qual era aparentado; o então estudante ateneuense Hildebrando Siqueira, que viria a chefiar em Campinas a campanha modernista, com o "Meu Castelo Pegou Fogo"; Benedito Diniz, Souza Ferraz, Angelo Beltrame Neto, Gumercindo de Campos, Alvaro Vilagelin, Jolumá Britto, Benedito Ferraz (Ditão), Clóvis Teixeira e não sabemos quantos mais.

Não poucos dêsses moços de há quarenta anos já se foram, realizados ou não como escritores. Outros, com os quais topamos de quando em quando, aí se encontram mas divorciados da Musa poética inspiradora daqueles dias. O que nos parece fiel à poesia, embora o desfiar dos anos, é o amigo Benedito Diniz, que desconfiamos ainda escrever os seus sonetos, às ocultas de olhos indiscretos. Do Aristides Monteiro, o encantador lirismo ficou recolhido detrás das "Janelas Iluminadas", livro prometido mas não editado. E o Hildebrando Siqueira, quando se foi do nosso convívio, era escritor amadurecido e justamente laureado.

A "Página dos Novos" não perdeu no "Gazeta", após o afastamento do Dias Leme da chefia da redação. Renasceria, mais tarde, quando redator-chefe do mesmo jornal o Alvarito Miler. Poeta, e dos bons, o então jovem Alvarito, houve por bem confiar ao também mavioso poeta Gustavo Stuart (literariamente Mário Flôres) a direção de uma página literária na "Gazeta". O Stuart denominou a sua página "O Teu Espelho".

É possível que algum dia, com mais vagar, tenhamos ensejo de relatar de "O Teu Espelho" e do Mário Flôres uma polémica que surgiu em torno de um soneto, que teria ou não teria um verso de "pé quebrado", o que finalmente veio a resultar, da polémica havida. Pr'ora, é o bastante dizer que a segunda "Gazeta de Campinas" desapareceu em outubro de 1930, empastelada, em holocausto à vitória da Revolução, que botou no governo da República o sr. Getúlio Vargas. Verdade é que a "Gazeta" já havia perdido aquele lirismo boêmio do tempo do Dias Leme e do Alvarito Miler.

